

Banana Scrait
reinventa bossas
em novo álbum

PÁGINA 3



Isabel de Luca
e seu cinema
movido a palavras

PÁGINA 4



A bicharada
está solta na
Caixa Cultural

PÁGINA 7



2º CADERNO

Mathilde Missioneiro/Folhapress

Por Walter Porto e
Gustavo Zeitel (Folhapress)

O escritor Ailton Krenak se vê atribulado entre novos colegas da Academia Brasileira de Letras e amigos de movimentos indígenas vindos de diversos estados do país quando diz que experimenta uma “euforia boa” de ser o primeiro representante dos povos originários brasileiros com uma cadeira na instituição.

“Sinto que faz toda a diferença”, diz à reportagem, por telefone. “Não para o Ailton, mas para os povos indígenas, para a diversidade da cultura, para a pluralidade das narrativas que se assentam na Academia. Agora entram algumas dezenas ou centenas de línguas junto comigo.”

O autor de “Ideias para Adiar o Fim do Mundo” afirma que há no Brasil mais de 200 etnias indígenas e cerca de 180 idiomas diferentes, que se veem refletidos pela primeira vez na casa que se arrega guardiã da cultura letrada do país.

“Nós sempre fomos estudados pelos antropólogos e linguistas especialistas em nós”, comenta ele, em referência aos povos indígenas. “Essa gente toda está apreciada da perspectiva etnográfica. A diferença é chamar todos esses narradores, esses contadores de histórias espalhados em centenas de aldeias para exibir suas línguas, tanto faladas quanto em processo de reconstituição. Assim como se faz no Museu da Língua Portuguesa.”

Krenak afirma querer usar a projeção da Academia para sedimentar o registro e o conhecimento das culturas indígenas pelo Brasil, amplificando um projeto que ele diz ter empreendido durante “a vida inteira”, como por exemplo na iniciativa chamada Biblio-



Ailton Krenak: ‘Sinto que faz diferença para a pluralidade das palavras’

Academia Brasileira de Brasís

Ailton Krenak afirma que ‘centenas de línguas’ entram na ABL com sua eleição

teca Ailton Krenak.

É uma experiência rica, segundo ele, não só por causa da diversidade, mas da criatividade. “Proponho à ABL se abrir para essa conexão em que a lusofonia pode estar em diálogo com todo um projeto etnolinguístico.”

O escritor e educador indígena Daniel Munduruku, que disputou a mesma cadeira da Academia e chegou a acusar Krenak de traição por ter se candidatado na frente dele, diz agora que o desentendimento “são águas passadas”.

“Não posso ficar reforçando aquilo só porque ele foi o escolhido pela ABL. Mas, naquele momento, achei que foi uma puxada de tapete, era o que eu tinha em mente, achava ser apto a ocupar a cadeira.”

Munduruku afirma ter certeza de que a eleição de Krenak “foi um avanço para o povo indígena” e diz que não descarta uma nova candidatura. “Eu sou apaixonado pela ABL, porque sou de um povo de ritual e prezo muito uma instituição que se dedica às letras do país.”

Presidente da Academia Brasileira de Letras, o jornalista Merval Pereira celebrou a eleição de Krenak como histórica para a instituição.

“Temos a maior representatividade possível da cultura brasileira aqui dentro [da Academia]. Krenak é um poeta, tem uma visão muito apropriada para esse momento em que o mundo está preocupado com o meio ambiente e a mudança climática. Tudo isso está embutido na sua vitória.”

A acadêmica Heloísa Teixeira, também eleita para a ABL este ano, se disse “feliz da vida” com a eleição de Krenak e reforçou sua relação com o apoio a pautas indígenas que correm no Congresso. “A Academia está precisando, nesse momento do marco regulatório [temporal], dessa representação aqui dentro.”

CORREIO CULTURAL

Divulgação



Cissa admite frustração: 'Fiz tudo que pediram'

Cissa Guimarães supera trauma por demissão da Globo em 2021

Conhecida por atuar em novelas e apresentar programas durante toda a sua carreira na Globo, a apresentadora Cissa Guimarães não esconde que ainda tem mágoa por ter sido dispensada pela emissora em outubro de 2021.

Prestes a estreiar na nova versão do programa Sem Censura, apresentado na TV

Brasil e que estreia em novembro, Cissa relatou que sempre fez o que a emissora onde trabalhou por mais de quatro décadas.

"Não esperava. Tudo o que eles queriam de mim, eu fiz", afirmou em entrevista para a revista Veja. No entanto, diz que agora é mais bem resolvida com isso. "Acabou, acabou, tchau".

Racismo nos EUA

Jojo Todynho relatou um caso de racismo que sofreu recentemente durante uma viagem para Miami (EUA). Esperando para entrar na classe executiva do aeroporto, foi abordada por mulher branca que questionou a sua presença naquele local.

Unanimidade

Acostumado com seleções para óperas, o baiano Sandro machado foi aprovado recentemente na audição do programa Vocea României - o The Voice da Romênia, conseguindo que todos os jurados virassem as cadeiras para ele.

Adiamento

A novela "Guerreiros do Sol", anunciada no ano passado e em gravações atualmente na Globo, teve sua previsão de estreia adiada. Antes com previsão de ser disponibilizada ao público no Globoplay em 2024, agora ela só chegará em 2025.

Retorno

Elogiada pelo papel de Irma no remake de "Pantanal" (2022), Camila Morgado voltou à Globo. A atriz acertou com a emissora e fará o papel de Iolanda, a famosa Dona Patroa, no remake de "Renascer", que estreia no próximo ano.

Eduarda Jordão/Divulgação



Pedro Santos lança seu novo trabalho, o EP "Babilônia," capturando a agitação urbana e as conexões interpessoais das grandes cidades

As cidades movimento (e sons)

Cantor e compositor Pedro Santos explora a vida nas metrópoles nos experimentos sonoros do EP 'Babilônia' gravado em Nova York

O cantor e compositor Pedro Santos faz uma jornada urbana e caótica em "Babilônia". Gravado ao vivo em estúdio em Nova York, o trabalho descortina em sua urgência e química dos músicos o cotidiano polifônico das grandes cidades com suas conexões e distâncias interpessoais.

"Acho que esse novo EP é um tanto inclassificável. Diferente do meu disco anterior, que tinha um interesse de fincar pé na canção influenciada pela MPB, eu considero esse novo trabalho não-identificável. Talvez ele seja mais inspirado em uma época — os anos 70 — e um processo — gravar ao vivo — do que qualquer outra coisa. Essa fase têm discos que me fizeram olhar novamente para a música brasileira com



Divulgação

arranjos mais pesados, maravilhosos instrumentistas sustentando as composições dos meus ídolos e gravando ao vivo. Chamava minha atenção também os guitarristas que me formaram mesmo antes de eu saber disso", reflete Pedro Santos.

O novo EP de Pedro Santos será uma evolução de sua jornada musical. Se os primeiros trabalhos vieram calcados na sua voz, violão e guitarra,

aqui ele abraça uma estética colaborativa, onde as texturas sonoras se tornam resultado da interação com os músicos em estúdio. O time inclui o produtor Apoena Frota, também no baixo; o baterista francês radicado em Nova York e no Rio de Janeiro, Stéphane San Juan; Andre Vasconcelos na guitarra; e Ben Jamal nos teclados e sintetizadores. Por fim, a mixagem ficou a cargo de Kassin; e a master foi feita pelo experiente Ricardo Garcia.

"Eu estava morando em Boston por uma curta temporada e tive poucos dias em NYC para gravar. Eu já vinha falando por alguns meses com o Apoena Frota que produziu o EP e me foi indicado por amigos em comum. Mas eu o conheci pessoalmente apenas ali. Na quinta nos conhecemos e na sexta conheci a banda que Apoena montou. Ensaíamos no sábado e gravamos tudo no domingo", resume Pedro, que trouxe uma reflexão existencial em "Mr Tempo" e uma faixa inspirada em Guimarães Rosa em "Terceira Margem".

O artista faz de sua música um ponto de conexão com pessoas reais e histórias ancoradas na intimidade com o ouvinte. Agora, está pronto para ir além dos trabalhos já lançados, como os álbuns "Domingo" e "sussurrO". Sua jornada inclui ainda experiências com a banda Cidadão Madureira, rodas de violão e blocos de carnaval, onde as composições iniciais ganharam vida.

"Domingo" (2020) transformou sua parceria com Paulinho Tó em um álbum rico. As nove faixas autorais foram inspiradas na delicadeza da música brasileira com uma roupagem pop, buscando criar um espaço de encontro e compreensão em uma sociedade complexa e dividida. A proposta foi mostrar o poder transformador da arte e da experiência artística como um diálogo alegre e destemido.

Além de seu projeto solo, Pedro é fundador e diretor musical do Me Engole que eu Sou Jiló, um bloco de amigos cineclubistas que se destacou no carnaval de Brasília. Agora, com o "Babilônia", Pedro amplia as fronteiras de sua originalidade e versatilidade artística. O trabalho está disponível nas principais plataformas de música.

Tom, Vinicius e os papangus

Bonecos do folclore cearense estão em clipe da releitura de clássico da dupla pelo duo cearense Banana Scrait



Reprodução YouTube

Cena do clipe de 'Amor em Paz', um tema de Tom e Vinicius que ganha releitura do duo cearense Banana Scrait

Conhecido por sua abordagem inovadora na leitura de clássicos da música brasileira, o duo Banana Scrait está na fase final de produção do álbum “Eletro Bossa Nova 2”, projeto que pretende capturar a essência da bossa com um toque contemporâneo e eletrônico. O primeiro single e clipe do trabalho está no ar e traz Tom Jobim e Vinicius de Moraes para a modernidade a partir

da poética de “O Amor Em Paz”.

Gravado na Praia de Picos, em Icapuí (CE), o clipe destaca a participação dos papangus, personagens folclóricos do carnaval do agreste cearense. O fotógrafo Nicolas Gondim, conhecido por sua pesquisa premiada sobre os papangus, contribuiu com a fotografia, enquanto o vídeo, dirigido por Albino Freaza evoca um clima misterioso, destacando os personagens sob a luz da lua cheia em

seu ambiente natural, criando uma atmosfera de celebração.

A escolha do single de lançamento, a regravação de uma das emblemáticas composições do Poetinha e melodias do Maestro, é uma demonstração do caminho criativo escolhido pelo duo. A música é uma narrativa emocional que explora a tristeza de um amor que chega ao fim, mas também celebra a renovação e a busca por novos horizontes

amorosos. Através da atmosfera da música, o desfecho da tristeza se transforma em uma dança vibrante de celebração à vida.

“Essa é a versão mais ousada do ‘Eletro Bossa Nova’. Talvez por isso tenha sido escolhida para o single de lançamento. Porque é a síntese da proposta do projeto. Uma mirada alternativa para os clássicos, sempre respeitando a melodia e letra originais. A letra de Vinicius narra a tris-

teza de um amor que chega ao fim. Mas, como diz o ditado, a fila tem que andar... e eis que a mágica acontece. Um novo encontro, uma nova paixão e o amor segue em paz”, destaca Andrea Agda (voz, guitarras e violão), que forma o Banana Scrait com Daniel Arruda (sax e sintetizadores).

Narrativa épica

“Para acompanhar essa narrativa épica, nada melhor do que um ritmo que vibra, distension e coloca todo mundo para dançar e celebrar a vida. E foi assim que o ‘Amor em Paz’ se tornou a mais dançante do disco”, completa.

A proposta do projeto “Eletro Bossa Nova 2” é clara: revisitar os clássicos da bossa, respeitando a melodia e a letra originais, enquanto infunde uma energia eletrônica e contemporânea. Essa abordagem é uma continuação natural do sucesso do EP anterior, “Eletro Bossa Nova”, que marcou a transição do duo em direção à eletrônica, explorando gêneros como house, disco e trip hop.

Chorando com liberdade

Músico Caetano Brasil segue com sua linha de reinvenção do choro

O músico mineiro Caetano Brasil segue diluindo os limites dos gêneros musicais ao se debruçar sobre o choro com olhar moderno e plural. No single “Surpreendente”, ele se une a Bia Nascimento (violão) e Chico Cabral (pandeiro) para formar O Choro Livre, um trio que reverencia as tradições da música brasileira para criar algo novo. O single já está disponível nas principais plataformas de música.

A música foi escrita em homenagem ao companheiro de instrumento de Caetano, o também clarinetista

Wesley Fontes. A composição foi feita em 2019, já inspirada também por músicos como Maurício Carrilho, Zé Barbeiro, Alessandro Penezzi, Anat Cohen e Nailor Proveta.

“Ela é muito influenciada por artistas do choro contemporâneo, que vêm experimentando alterações nas fórmulas de compasso e na quadratura de suas obras nas últimas décadas. Em muitos momentos ela pode soar familiar para os ouvidos habituados ao choro. Mas é exatamente quando esses ouvidos se encontram envolvidos pela melodia, que são pe-



Igor Tibiriçá/Divulgação

Caetano Brasil (centro), Bia Nascimento e Chico Cabral

gos de surpresa. Daí o nome”, explica Caetano.

Parecia então natural que o músico se unisse a dois de seus parceiros mis assíduos na cena instrumental de Juiz de Fora para construir uma nova visão para o choro. “Nesta gravação com O Choro Livre, Bia, Chico e eu já vínhamos ensaiando e construindo o arranjo que foi apresentado ao

vivo várias vezes. Entramos no estúdio já muito confortáveis com as peças que a composição prega. Assim, chegamos numa versão que mostra ‘Surpreendente’ ao público com a cara do grupo: leve e irreverente”, resume.

Este é o primeiro passo do músico multi-instrumentista após o egiado álbum “Pixiverso – Infinito

Pixinguinha” (2022) e o premiado “Cartografias”, indicado ao Grammy Latino em 2020. No trabalho mais recente, Caetano Brasil já desafiava padrões ao mostrar um olhar atual e queer para uma das mais respeitadas obras musicais do país. Agora, “Surpreendente” se torna mais um passo na desconstrução dos pedestais que Caetano propõe: uma abordagem ao mesmo tempo reverente das gerações anteriores e irreverente sobre linguagens musicais bem estabelecidas. Ao buscar o novo, o músico mostra que ainda é possível surpreender com o centenário “chorinho”.

“Depois de gravar um disco tão denso como o ‘Pixiverso’, sai em busca de criar uma música fluida, com menos obrigações. Uma música que pudesse ocupar espaços como festivais ao ar livre, bares, sem excluir as salas de concerto! Uma música em que pudessemos experimentar com certo desprendimento dos cânones, que fosse divertida e leve”, conta ele.



Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

Responsável por uma revolução na forma de se pensar o papel social e político de um caderno de cultura numa metrópole cosmopolita, Isabel De Luca transformou o jornalismo ligado às artes num espaço de invenção em sua gestão no suplemento ligado ao cinema, teatro, HQs e afins de O Globo, de 2010 a 2012.

Nunca, nos primeiros 15 anos deste século, as artes plásticas no país tiveram um espaço de análise e reflexão tão farta nas páginas da imprensa carioca quanto se viu em seu exercício editorial. O estilo moderno e arrojado de fazer reportagem ela transporta agora para o audiovisual. Isabel transita pelo roteiro de um dos concorrentes ao troféu Redentor de Melhor Documentário: “Helô”, de Lula Buarque de Hollanda, sobre a professora da UFRJ, ícone feminista e imortal da ABL He-loísa Teixeira.

Tem ainda espaço na agenda de Isabel para assinar o nome após a cobiçada expressão “filme de...”. No domingo, ela deslumbrou a Première Brasil com “Mulheres Radicais”, um .doc dela e de Isabel Nascimento Silva. Esta assina a direção e De Luca assina como argumentista, roteirista (com Tatiana Bacal) e produtora executiva. Mas é um exercício autoral de sinergia, e requinte. Entre 2017 e 2018, uma exposição histórica reuniu 120 artistas plásticas latino-americanas que produziram trabalhos seminais entre os anos 1960 e 1980. Tem sessão nesta quarta-feira (11), às 13h45, no Estação NET Gávea. Na quinta (12), o filme será projetado às 20h45 no Estação NET Rio 3. A seguir Isabel fala da incur-são pelas veredas da feitura cinematográfica.

De que maneira a seleção das artistas do “Mulheres Radicais” aponta um recorte das artes plásticas no país?

Isabel De Luca: É um filme que reconhece, provoca e quase impõe um novo capítulo na história da arte no século XX. Ninguém nunca nos contou sobre o papel fundamental que as artistas latino-americanas tiveram na arte contemporânea. Aconteceu um zeitgeist simultâneo entre os anos 1960 e 80 que produziu artistas extremamente potentes, que inventaram toda uma iconografia e introduziram temas jamais retratados na arte, ou tra-

ENTREVISTA / ISABEL DE LUCA, ROTEIRISTA, JORNALISTA E PRODUTORA

‘Sigo lidando com o empacotamento de ideias’

Divulgação



Isabel de Luca:
‘O etarismo é um tema que me toca muito’

tados como arte. Mas ninguém viu! Até que um dia uma curadora anglo-venezuelana, a Cecilia Fajardo-Hill, começou uma pesquisa que mudou tudo: passou dez anos procurando mulheres artistas na América Latina. Essa pesquisa virou uma exposição histórica que, entre 2017 e 2018, passou por Los Angeles, Nova York e São Paulo, reunindo 127 artistas que produziram trabalhos seminais entre 1960 e 1985. Essa mostra revelou, em sua maioria, nomes que passaram a ser reconhecidos e celebrados pela primeira vez. E foi o ponto de partida para o filme. Onze artistas que estavam nessa mostra aceitaram participar de encontros promovidos em Nova York e São Paulo.

Que papel você assume em “Helô”, qual e como é o trânsito com Lula Buarque?

Começou oito anos atrás, quando encontrei Lula num jantar e passamos horas falando sobre a vida/obra de Helô, que cada vez mais se consolidava como a maior e mais vanguardista intelectual brasileira contemporânea. “Lula, vou ficar no seu pé; você precisa

filmar a sua mãe”. Foi assim que nos despedimos. Lula começou a filmar loucamente, fosse com sua câmera pessoal ou seu celular – festa de aniversário, lançamento de livro, obra no apartamento, reunião presencial, almoço com os netos, todo um isolamento pandêmico na casa de Búzios. Escrevi vários argumentos ao longo desse processo. Quando finalmente veio o sinal verde, o material filmado já passava de 450 horas. Assistir a essa Helô em estado bruto foi uma experiência divertida, apaixonante e transformadora. Helô é uma lacadora de 84 anos. Isso me arrebatou e creio que vá arrebatá-lo quem assistir ao filme.

Você vem dialogando com o audiovisual há alguns anos, primeiro na sua cuidada posição de editora de caderno de cultura e, depois como roteirista. O que se leva desse processo para a direção?

Sigo lidando com as palavras, ou melhor: com o conteúdo, ideias. Com o empacotamento dessas ideias. É onde eu sinto que mais posso contribuir. Não assino a direção de “Mulheres Radicais”, que é “um filme de

Isabel De Luca e Isabel Nascimento Silva” – eu como criadora, roteirista e produtora, ela como diretora, mas é um filme de nós duas. Eu assino argumento, roteiro (com Tatiana Bacal) e produção executiva.

Onde e como o Hysteria baliza essa sua expressão audiovisual mais recente?

Hysteria nasceu dentro da Conspiração como plataforma. O objetivo era ampliar a inserção feminina no audiovisual e abrir espaço a narrativas com mulheres no centro das histórias. No início a gente quis englobar todos os formatos: texto, áudio, vídeo. Ajudei a lançar a plataforma, em 2017, dentro da Conspiração, e fiquei lá fixa até 2022. Hoje a Hysteria segue firme e forte como selo audiovisual. Depois do “Desnude” (Carolina Jabor), veio o documentário “De Você Fiz Meu Samba”, que lançamos no Festival do Rio do ano passado, e está correndo festivais pelo mundo. Agora chegam “Mulheres Radicais” e “Helô”. Até o fim do ano virão dois projetos da Isabel Nascimento Silva: séries sobre a Luisa Sonza e a Angélica.

Que novos projetos você tem com o cinema ou com a dramaturgia de séries?

Acabei de entregar um roteiro sobre o Bola Preta feito por encomenda da Leandra Leal e da Maria Barreto, da Daza Filmes, que me convidaram para dirigir junto com o Claudio Amaral Peixoto. Não sei como, mas eu aceitei! Estou trabalhando num projeto de série de ficção sobre mulheres mais velhas. O etarismo é um tema que me toca muito, e não por acaso é só do que eu falei no audiovisual até agora. Meu primeiro filme pela Hysteria foi o documentário “De Você Fiz Meu Samba”, para o qual eu também convidei a Isabel Nascimento Silva para dirigir, e que fala das viúvas de baluartes do samba carioca. Elas não foram ouvidas sequer para as biografias deles, mas são guardiãs de parte fundamental da história da música popular brasileira. Descobrimos incontáveis inéditas nas casas delas, que são praticamente museus! Depois vieram “Mulheres Radicais” e “Helô”, ou seja, temos aí uma trilogia sobre mulheres na faixa dos 80.

Purgatório da História

Maratona cinéfila carioca lota salas com o polêmico novo longa do diretor russo Alexander Sokurov, que une Hitler e Stalin num ambiente fabular no provocante 'Conto de Fadas'



Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Aos 72 anos, com 52 prêmios em uma carreira iniciada em 1974, entre os quais o Leão de Ouro dado a seu "Fausto", em 2011, Alexander Sokurov não acetou a censura a produções russas que se abateu sobre o audiovisual, como retaliação às ações de Vladimir Putin na guerra da Ucrânia e aproveitou seu status de antipatizante a todas as formas de totalitarismo pra deixar circular uma das

experiências sensoriais de maior radicalismo de sua obra: "Skazka".

Em agosto de 2022, o longa-metragem concorreu ao Leopardo de Ouro do Festival de Locarno, na Suíça (onde foi premido, em 1987, por "A Voz Solitária do Homem"), com o título "Faitytale", cuja tradução literal, "Conto de Fadas", está sendo usada em suas exibições na 25ª edição do Festival do Rio, onde a produção virou um fenômeno no boca a boca popular. Tem mais duas sessões do filme na cidade, uma na quinta, às 14h45, no Estação NET Gávea 4 e outra no dia 15, às 21h45, no Estação NET Rio 5.

"Não existe 'era uma vez', nem existem elementos de animação, mas existe a recriação quase fabular de figuras políticas reais, com uma moral da História. Foi um garim-



Alexander Sokurov: 'É uma provocação fabular'

po de arquivos, no qual tudo o que você ouve vem de depoimentos reais colhidos em documentos e em registros fonográficos", afirmou Sokurov ao Correio da Manhã, em Locarno.

Sempre acompanhado de seu tradutor pessoal, Sokurov sabe que não o momento oportuno para um filme russo tentar a sorte. Porém, a potência do que ele criou transcende geopolíticas, ao resgatar imagens de Hitler, Winston Churchill e Stalin nua releitura mitológica, como se os três estivessem num Purgatório. "O momento pelo qual

a Rússia passa hoje é duro. Durante o governo soviético, eu tive a honra de ser amigo de Andrei Tarkovski (diretor de "Nostalgia" e "Solaris") e dividi com ele o gosto de poder ver a vida por diferentes prismas, valorizando sua complexidade. O que se pode dizer de mais concreto sobre o governo de Putin é que ele é algo complexo. Muito do que se passa e território russo hoje já estava prenunciado nos escritos de Tolstói, está nas páginas de 'Guerra e Paz'. Mas falta memória", diz Sokurov.

Quando bateu seus olhos cri-

teriosos na delirante alegoria de Sokurov com Stalin e Hitler a falar sobre Poder, à sombra de Cristo, o crítico suíço Giona A. Nazzaro, disse ter provado de uma sensação cinéfila única. "Estamos falando de um exercício de autor que vai deixar espectadores de cabelos em pé", disse Nazzaro, referindo-se a um processo transcendental de entendimento da Eternidade, do Divino e das bestialidades cometidas na II Guerra.

Hitler já havia sido retratado por Sokurov antes, em "Moloch" (1999), que ganhou o prêmio de Melhor Roteiro em Cannes. "Minha premissa em 'Conto de Fadas' era retratar figuras políticas proeminentes do século XX, num lugar fronteiro à fantasia que fazemos delas. Napoleão Bonaparte matou milhares de pessoas em nome da França, invadiu países, desrespeitou os códigos legais de muitas sociedades. Ele se enquadra na concepção histórica do Mal, chegou a ser estudado como vilão. Mas, hoje, há quem o veja como herói. É esse relativismo que me interessa. Hitler aparece no meu filme como uma figura triste. Stalin aparece cansado, esperando saber quando a Morte vai chegar. É um reflexo da tortura eterna a partir da qual enquadro os dois", diz o cineasta.

O Festival do Rio segue até domingo (15).

DICAS IMPERDÍVEIS PARA TERÇA



MMXX

MMXX, de Cristi Puiu (Romênia): O precursor da Primavera Romena volta a falar da áspera realidade social de seu país, a partir da covid, numa narrativa em quatro núcleos: os três primeiros envolvem uma psicóloga, seu irmão e seu marido e o quarto usa um funeral como pano de fundo. A produção concorreu à Concha de Ouro de San Sebastián. Onde ver: Kinoplex São Luiz 4, 16h.

NELSON PEREIRA DOS SANTOS – VIDA DE CINEMA, de Ivelise Ferreira e Aída Marques:

A longa devoção de Aída à docência na UFF fez com que ela trouxesse de sua vida acadêmica uma precisão de ourives na hora de cerzir imagens de arquivo do realizador de "Vidas Secas" (1963), numa parceria com a viúva do diretor. Laís Rodrigues merecia um prêmio especial do júri do troféu L'Oeil d'Or (lâurea a que o doc concorreu na Croisette) pela pesquisa de imagens do Brasil que Nelson exumou numa autópsia em corpo vivo de nossa gente. É um aulão de roteiro de não ficção. Onde ver: Odeon, 19h.



Nelson Pereira dos Santos

OS DE ABAIXO, de Alejandro Quiroga (Bolívia):

Numa temporada de máxima excelência boliviana no circuito mundial de festivais, este faroeste marxista nos leva a um povoado em que escorpiões e capacitados armados têm igual veneno, situado ali pelos vales do sopé da Cordilheira dos Andes, no perímetro de Tarija, no sul da Bolívia. Lá, Gregório (Fernando Arze Echalar), desafia os coronéis de um país cheio de contradições. Arze conquistou o prêmio de Melhor Interpretação no Festival de Moscou. Onde ver: Estação NET Rio 5, às 21h45.



Os de Abaixo

20 anos de **conexão** de artes para **crianças**

Com curadoria de Karen Acioly, FIL 2023 terá ações no Parque Lage e no CCBB-Rio até domingo

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

O Festival Internacional Intercâmbio de Linguagens (FIL), comemora 20 anos e está, até este domingo (15), envolvendo arte, teatro, dança, artes digitais e performances, no Parque Lage e no Centro Cultural Ban-

co do Brasil Rio de Janeiro. Com curadoria de Karen Accioly dramaturga, encenadora, roteirista e inventora do Festival, aborda a temática "A Cosmogonia das Infâncias", forma de explicar como o universo surgiu, explorando a criatividade e a multiplicidade de imaginários que caracterizam a infância.

"Até 15 de outubro, no CCBB

e no Parque Lage, o FIL vai oferecer 20 maravilhas afetivas para todas as infâncias, sem distinção de idade, para ritualizar os 20 anos de FIL: ópera com marionetes, dança em família, espetáculos feitos por – e para – crianças, observatório e ouvidoria das infâncias, além de vivências espetaculares, sensoriais, táteis e imersivas e experiências de criança para criança, de criança para adulto, de adulto para crian-

ça. Serão 20 atrações, 20 anos de FIL" – festeja Karen.

Algumas das 20 atrações vão até às escolas, enquanto outras serão

assistidas pelos alunos no próprio teatro do CCBB. Veja a programação completa no link <https://www.correiodamanha.com.br/cultura>



Com o tema 'A Cosmogonia das Infâncias', o FIL promove arte, teatro, dança, artes digitais e performances, no Parque Lage e no CCBB-Rio até domingo (15)

SERVIÇO

FESTIVAL INTERNACIONAL INTERCÂMBIO DE LINGUAGENS - FIL 2023
Até 15/10
Parque Lage (Rua Jardim Botânico, 414) programação gratuita, com senhas

distribuídas 1h antes do início do espetáculo
CCBB (Rua Primeiro de Março, 66, Centro), com programação paga e gratuita, com senhas distribuídas 1h antes do espetáculo

FERNANDO MOLICA



"Em meio a tantas fake news, o jornalismo ganhou uma importância ainda maior ao fornecer informações corretas e análises que ajudam o leitor a tomar suas decisões."

Fernando Molica

Carioca, jornalista e escritor, trabalhou em publicações como 'Folha de S.Paulo', 'O Globo', 'O Estado de S.Paulo' e 'Veja' e na TV Globo, CNN e CBN. Recebeu, entre outros, os prêmios Vladimir Herzog e Embratel de jornalismo. Autor de nove livros, entre eles, seis romances, é botafoguense e mangueirense.

No 'Correio da Manhã', Fernando Molica é responsável por duas colunas diárias: um artigo de opinião que trata de cultura e política e o Correio Nacional, que traz em forma de notas curtas, informações exclusivas sobre política, administração pública e universo empresarial.

Correio da Manhã

Correio Petropolitano

Correio Sul Fluminense

"Democracia e liberdade de expressão são o oxigênio do jornalismo.
O jornalismo não sobrevive sem elas"

Rudolfo Lago

Formado pela Universidade de Brasília, Rudolfo Lago tem 37 anos de profissão, especialmente na cobertura de política. Responsável por furos como o dos Anões do Orçamento e a série de reportagens que levaram à cassação do ex-senador Luiz Estevão. Vencedor do Prêmio Esso, entre outras premiações.

No Correio Político, o leitor conhecerá os meandros, os bastidores, do poder em Brasília, na Esplanada dos Ministérios. Histórias que ajudarão a entender por que as decisões são tomadas ou não nos três poderes da República.



RUDOLFO LAGO

Renan Perobelli/Divulgação

Comemorando o mês das crianças, entre os dias 10 e 12 de outubro, a Cia teatral Pia Fraus e a Caixa Cultural trazem para o Rio o espetáculo “Gigantes no Palco”, que reúne a apresentação de três peças: “Bichos do Brasil”, “Gigantes de Ar” e “Gigantes Modernistas”. As apresentações serão realizadas no Teatro Nelson Rodrigues e a primeira delas é “Bichos do Brasil”, nesta terça-feira (10), às 17h. Seguindo as apresentações, no dia 11 é a vez de “Gigantes do Ar”, no mesmo horário, e no Dia das Crianças, serão duas apresentações de “Gigantes Modernistas”, às 11h e às 17h.

“Bichos do Brasil” revela a riqueza da fauna brasileira através de recursos plásticos. Pautado nos bonecos, na música e na coreografia, a peça procura criar o ambiente da mata sem exigir um comportamento humano de seus personagens. As fábulas, nas quais os bichos simbolizam as virtudes e vícios humanos, são deixadas de lado, buscando-se atenção às influências que as mesmas exerceram na cultura popular. A produção acaba por fazer uma reverência aos bichos brasileiros, onde sua humanização não faz com que o público pressuponha um final moral.

“É comum falar que as crianças da cidade pouco conhecem os bichos do campo. Além disso, diversas imagens de bichos nos são apresentadas formando um imaginário muitas vezes artificial, distante da fauna do país. A mídia, o comércio e até mesmo, educadores se deixam levar por imagens de bichos da fazenda ou desenhos que nem sempre correspondem aos bichos que vivem em nossas matas. Se, atualmente, enfrentamos a extinção de fato de alguns deles, não podemos deixar que muitos, que felizmente estão longe disso, acabem sofrendo uma extinção dentro do imaginário popular”, pontua Beto Andreetta, diretor artístico da Companhia.

O espetáculo já fez 11 temporadas em São Paulo, duas na China, em 2019, e uma na Índia, em 2020. Todos os bonecos são feitos a partir de materiais naturais e as formas são estabelecidas por cabaças que ganham tratamentos e cores diversas, buscando dar uma abordagem contemporânea a elementos rústicos. “É a retomada da Pia Fraus às suas origens, fundamentada em temas, formas e pensamentos que formaram a companhia”, acrescenta.

Um espetáculo de rua que reúne diversos “sketches”, inspiradas nas apresentações populares de circo-teatro e nos animais de circo e seus amestradores, onde se reúnem palhaços, bailarinos e bonecos infláveis gigantes, em uma atmosfera de humor e poesia circense: esse é o cenário de “Gigantes de Ar”, que



Bichos do Brasil

Soltaram a bicharada no palco!

Cia Pia Fraus apresenta três espetáculos infantis nesta Semana da Criança na Caixa Cultural

traz para o palco um elefante azul inflável de cinco metros de altura, três girafas infláveis, leões e um casal de cangurus como atrações do espetáculo, formando um verdadeiro “circo” a céu aberto.

“Gigantes Modernistas” difunde e populariza as obras de vários artistas plásticos participantes do Movimento Modernista,



Gil Grossi/Divulgação

Gigantes de Ar

como Tarsila do Amaral, Di Cavalcanti, Anita Malfatti e Cândido Portinari. A montagem, escrita e dirigida por Beto Andreetta, utiliza infláveis e bonecos de grandes proporções. Cinco artistas - atores, bailarinos e manipuladores - participam da produção, dando vida à obras desses artistas icônicos, com diferentes técnicas de manipulação de

bonecos, somadas à fusão de linguagens característica da Cia. Pia Fraus.

“Em prosseguimento à linha de inovações de outros espetáculos da companhia, como ‘Bichos do Brasil’, ‘Gigantes de Ar’ e ‘Navegadores’, a montagem combina elementos de apresentação teatral e exposição performática. Sua estreia se deu no ano de 2022, através do Prêmio Zé Renato da cidade de São Paulo, onde circulou por 20 parques municipais gratuitamente. O espetáculo também fez parte de diversas programações do Sesc e programações de comemoração ao 100 do modernismo no Brasil”, explica Beto Andreetta.

Além disso, o dia 12 contará com a oficina de criação de bonecos com material reciclável, das 15h às 16h. A atividade é gratuita, para pessoas acima dos 5 anos de idade, e, ao todo, serão 50 vagas. Porém, para participar, é preciso fazer a inscrição prévia pelo email producao@piafraus.com.br

SERVIÇO

GIGANTES NO PALCO

Caixa Cultural - Teatro Nelson Rodrigues (Av. República do Paraguai, 230 - Centro)

De 10 a 12/10, terça e quarta (17h) e quinta (11h e 17h)

Entrada franca, sujeita à lotação da sala, com retirada de ingressos a partir de 1h antes de cada apresentação



Fotos Divulgação

Formas que criam

A artista plástica Edith Rocha traz em seu trabalho a energia geradora da vida, a geometria

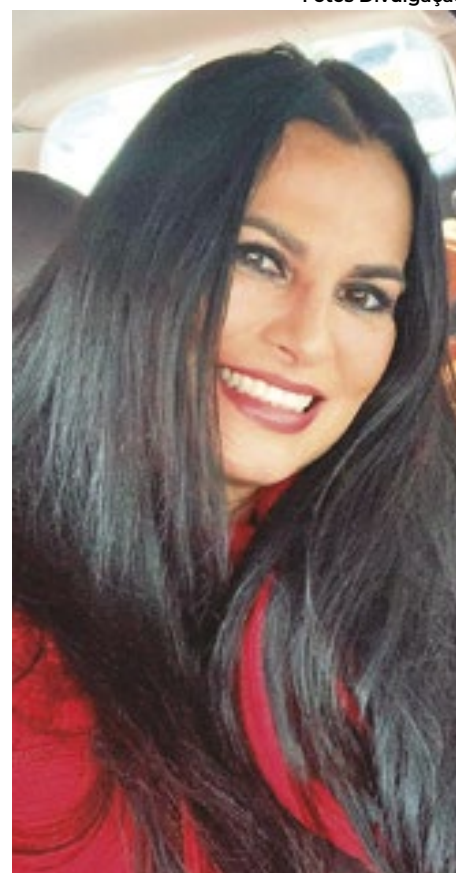


A artista plástica Edith Rocha apresenta até sexta-feira (13) a exposição 'Geometria Sagrada' - 30 anos de pintura, no Espaço Cultural Pintor M.D. Gotlib, em Copacabana. São trabalhos de pintura a óleo, em estilo realista contemporâneo.

Em sua percepção das forças geométricas, Edith busca o despertar da essência original transmutando sua energia mundana em alinhamento e reintegração ao

divino. "A linguagem dos componentes elementares da energia geradora da vida é a geometria sagrada", explica a artista.

Nos espaços livres a reta parece curva. A linha se desenha na imensidão sem limites e traça seu caminho desde o início das eras e se dirige à fonte da vida. No espaço da tela, a geometria performa em linguagem enigmática. A busca pela forma perfeita impede o intérprete aos salões inexplorados da alma humana. Um mer-



A artista plástica Edith Rocha apresenta a exposição 'Geometria Sagrada' - 30 anos de pintura, trazendo trabalhos de pintura a óleo cujas formas e cores conversam com a criatividade do visitante

gulho no inconsciente esboçado em cor e forma captura a imagem da energia luminosa da geometria sagrada.

"Os padrões geométricos constam em toda a natureza. Moléculas do DNA hu-



mano, pétalas das flores, cristais, conchas, estrelas se revelam através da geometria. O universo se expressa e fala através da geometria. A criação da vida se faz através das formas geométricas. O crescimento, a interação e a integração dos sistemas desde a singela formação atômica até a composição das galáxias acontecem através da geometria", destaca o curador Edson Motta Jr.

A luminescência das formas harmoniosas é traduzida pelo artista em sua interpretação da natureza pura. A expressão da geometria sagrada pulsa com energia revelando as formas perfeitas compostas de linhas, luz e cor, a linguagem da criação.

SERVIÇO

GEOMETRIA SAGRADA
Geometria Sagrada
Espaço Cultural Pintor M.D. Gotlib
(Av. Atlântica, 4.240 - 3º andar - Copacabana)
Até 13/10, das 14h às 19h
Entrada franca